



A tomar pelo número de lojas especializadas em Mac que estão abrindo as portas em São Paulo, dá até para acreditar que há motivo para sorrir novamente. Depois da MacMouse nos Jardins, é a vez da Apple Store em Moema deleitar os macmaniacos do pedaço. Os dois últimos anos, talvez os mais turbulentos e decisivos para a Apple, deram munição de sobra para os cavaleiros-do-apocalipse de plantão. Tanto nos Estados Unidos como no Brasil, eles praguejavam e decantavam em verso e prosa o fim do sonho que nasceu em uma garagem da Califórnia.

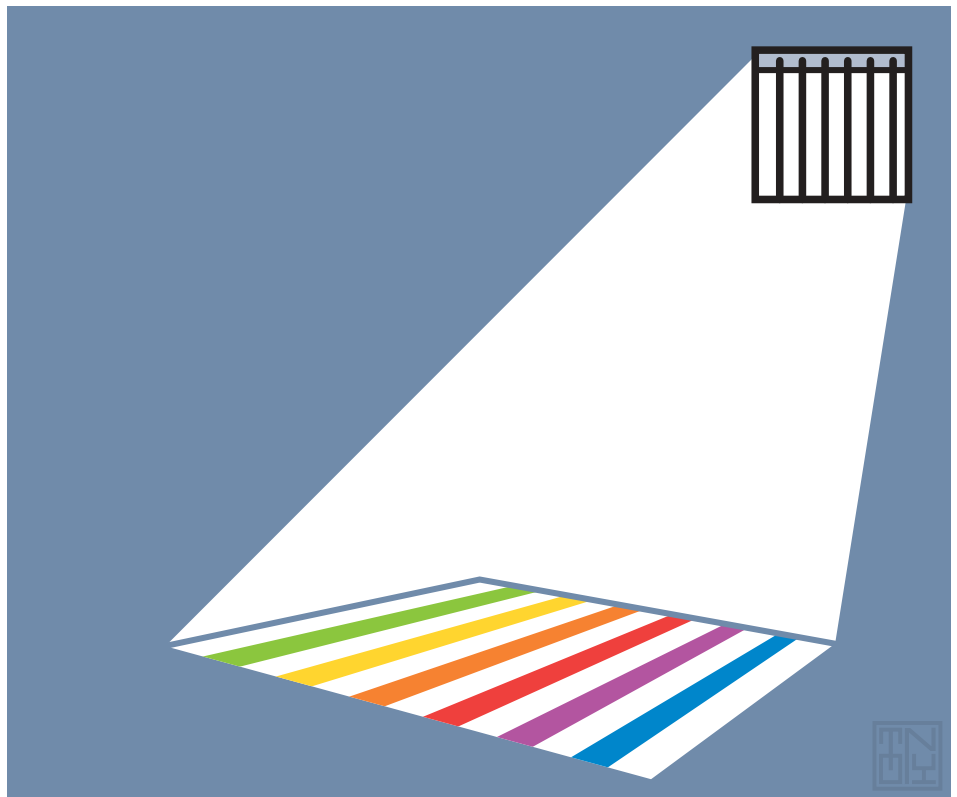
Durante esse período, nos apegamos a crucifixos, amuletos e nos pusemos a rezar. Em parte para proteger nossos investimentos em informática, mas, principalmente, pelo temor de ter de passar o resto de nossos dias reduzidos a uma única (e pior) opção. Por outro lado, depois de uma ruidosa entrada no mercado brasileiro, na qual a Apple parecia ter vindo salvar a pátria, vimos rarear os artigos para sua plataforma nas prateleiras das lojas especializadas e, mais uma vez, ressoava a voz sombria do fim. Foram poucas as trincheiras da resistência, que corajosamente se mantiveram fiéis à promessa de oferecer ao consumidor Mac no Brasil alternativa ao massacrante domínio dos aplicativos e periféricos para os equipamentos Intel/Microsoft. A única solução era contar com a sorte de encontrar algum produto híbrido ou comprar equipamentos que servissem às duas plataformas, como impressoras e scanners, que teriam suprimentos garantidos. Mas parece que os ventos mudaram novamente, e a nosso favor.

Quem teve chance de conferir as instalações da loja que inaugurou dia 19 de outubro como a primeira Apple Store na América Latina (ver matéria nesta edição) deve ter ficado bem

impressionado. O tamanho do mercado Mac no Brasil pode continuar sendo uma grande incógnita, mas ficou a certeza de que, pelo menos, é grande o suficiente para entupir uma loja com 400 m² distribuídos em três andares. As lojas nacionais podem ser comparáveis, em tamanho, número de artigos e serviços oferecidos, às revendas autorizadas de Los Angeles. Mas uma diferença persiste entre o usuário que foi às compras em Moema ou nos Jardins e seu correspondente que adentra uma loja na Santa Monica Boulevard: o preço dos produtos. Ainda vamos ter que pensar com, pelo menos, 30% de acréscimo, graças aos impostos de

Ainda falta muito para nos sentirmos cidadãos de primeira classe

Por um lugar ao Sol



importação. Para comprar nossos iMacs, desembolsamos R\$ 2.196, enquanto os gringos só pagam o equivalente a R\$ 1.600.

Abrir lojas é um bom sinal. Mas os esforços da Apple não podem parar por aí. Se pretendem realmente investir no mercado caseiro, terão que proporcionar ao consumidor a facilidade de encontrar seus produtos em qualquer lugar, nas grandes lojas do ramo, nos supermercados, livrarias, bancas de jornal.

O tradicional dicionário Aurélio, apesar de ter sido prometido há mais de um ano, ainda não chegou ao mercado. Nenhuma das promoções do Estadão ou da Folha estão dando CD-ROMs compatíveis com Mac. Não tem Word em português. Não tem nem ClarisWorks 5 em português! Se nem a Apple localiza seus softwares, quem vai se atrever a fazer isso?

Ao contrário do que vivem os usuários de PC, acostumados a encontrar toda sorte de quinilharias para seus micros, ainda vivemos como vagabundos, condenados a vasculhar as latas de lixo nas lojas de informática à procura de algum

produto híbrido. Ainda falta muito para nos sentirmos cidadãos de primeira classe. Lojas especializadas em Mac podem nos levar à formação de guetos e, conseqüentemente, a um maior isolamento do mercado. Para quem mora em São Paulo isso não representaria problema, mas seria injusto com os milhares de macmaniacos que vivem longe de Sampa. Pois se aqui a vida já é difícil, o que dirá o consumidor Apple que mora no Nordeste ou em outro rincão qualquer?

Enfim, a Apple ainda está devendo maior investimento nos canais de distribuição de seus produtos e no velho e bom evangelismo. Temo o dia em que meus filhos dirão que sou quadrado, ligado nesse meu Mac velho e que preferem ir jogar no computador do vizinho, porque lá eles, pelo menos, têm um PC super legal com joguinhos novos, joystick e tudo. E para explicar que um dia já andamos na frente... **M**

CARLOS XIMENES

É macmaniaco de carteirinha, jornalista de mão cheia, consumidor compulsivo e gato escaldado.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.